

UPDATE

SECÇÃO HEALTHY & SUSTAINABLE CITIES

Novo Normal nas Cidades do Futuro

NOVO NORMAL NAS CIDADES DO FUTURO

Cooperação e partilha: peças-chave do futuro

A pandemia trouxe aprendizagens e lições que poderão ser usadas para desenhar as cidades do futuro. A tecnologia é um acelerador da mudança, mas só um trabalho em ecossistema garantirá territórios mais inteligentes, sustentáveis e coesos.

HÁ TENDÊNCIAS que foram aceleradas com a Covid-19, como o trabalho remoto ou a transformação digital, que vieram trazer às cidades novos desafios e estratégias para dar resposta ao novo normal. Antevendo-se para 2021 o início da recuperação económica e social, as regiões terão de acelerar a sua mudança. Com colaboração e partilha, o futuro do país será muito mais risonho, como mostrou o webinar “Novo Normal nas Cidades do Futuro”, realizado no âmbito da Secção Healthy & Sustainable Cities da APDC, que juntou autarcas e gestores de tecnológicas.

A pandemia trouxe aprendizagens e lições que poderão ser aplicadas para o futuro das cidades. A cooperação e a partilha revelaram-se essenciais para ultrapassar muitos dos complexos desafios que foram surgindo e a tecnologia foi essencial, sendo agora o acelerador da mudança, para criar para territórios mais inteligentes, sustentáveis e coesos. Este evento juntou vários autarcas e gestores de empresas tecnoló-

gicas num debate sobre os desafios e respostas ao novo normal.

Miguel Pinto Luz, vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais e primeiro keynote speaker, começou por destacar os três níveis de análise neste período de pandemia, desde meados de março. Numa primeira fase, viveu-se uma urgência sanitária, que trouxe quase em paralelo consigo uma urgência económica. Depois do Governo e autarquias terem respondido bem a esses desafios, começamos agora a viver uma “emergência social”, porque o impacto social da Covid-19 já se começa a sentir e vai agudizar-se e é preciso “estar atento”.

Cascais teve desta a primeira hora capacidade de resposta no combate à Covid-19, lançando medidas como programas generalizados de testes gratuitos à população, criação de uma fábrica de produção de máscaras para combater a especulação de preços ou o apoio aos mais idosos e aos alunos que mais precisavam. Toda a transformação tecnológica realizada nos últimos 15



WEBINAR

NOVO NORMAL NAS CIDADES DO FUTURO

10 de dezembro
17h00

opdc
Digital Business
Community

As várias regiões do país vão ter que acelerar a sua mudança, definindo estratégias para o novo normal do pós-pandemia. Há várias lições a ter em conta e a tecnologia será essencial.

anos permitiu ainda colocar de imediato dois mil dos 3,2 mil colaboradores em casa, com o processo de inovação a manter-se todos os dias. Segundo o autarca, “a tecnologia foi fundamental” para ter a capacidade de resposta imediata à urgência sanitária, contando ainda para isso com os seus parceiros/fornecedores, de forma a reforçar onde foi preciso para “acudir a todas as necessidades”. É que, na sua perspetiva, a tecnologia não é um driver, mas “um facilitador para as políticas públicas”.

Também na resposta à urgência económica, os parceiros tecnológicos foram essenciais para desenvolver rapidamente mais projetos e solu-

ções inovadoras, como apps de apoio aos negócios que precisavam de ajuda ou de campanhas para os empresários que estão a perder dinheiro. Permitiu ainda apoiar as entidades sanitárias, com georreferenciação de testes Covid ou dos movimentos das infeções, para que “em conjunto, pudéssemos alinhar projeções de forças no território para acudir a esta emergência”. Cascais já está agora no terreno para dar resposta à emergência social. É que o desemprego já está a crescer e, segundo Miguel Pinto Luz, “quando os programas de layoff acabarem, temos que estar atentos e ser os primeiros a responder. É esta a nossa obrigação. Vivemos



Miguel Pinto Luz

Vice-Presidente, Câmara Municipal de Cascais

“A tecnologia foi fundamental para responder aos desafios da pandemia e nos planos sanitário, de economia e social. Não tem que ser um driver, o motor, mas um facilitador para as políticas públicas. É isso que nós entendemos”

“De facto, estamos a viver uma guerra contra a pandemia. Mas temos a vantagem de as infraestruturas não terem sido destruídas. Os territórios estão intactos. Hoje, estamos todos preparados, como comunidade e como país, privados e setor público, para logo que seja possível abrir de novo a economia e a sociedade, possamos voltar de novo a crescer”

“A sustentabilidade tem que ser sempre vista em três pilares: económico, social e ambiental. Em todos usamos a tecnologia de uma forma muito eficaz. Se, de uma forma geral, o município tiver uma visão sustentável do seu futuro, a tecnologia tem que ser colocada ao serviço dessa visão estratégica e não o contrário”



Pedro Cepeda

Vereador do Planeamento e Desenvolvimento, Câmara Municipal de Penafiel

“2020 foi um ano de mudança e de transformação, com foco no combate à pandemia e na contenção na propagação do vírus. Citando a cientista Elvira Fortunato, ‘cooperação e partilha são a chave para o futuro’. Ambas são cada vez mais fundamentais”

“Terá de haver um reforço da tomada de decisão política com base em dados, em ciência e em factos, de forma a capacitar os decisores para a gestão do dia-a-dia e a apoiar o planeamento e o desenvolvimento estratégico do futuro e para as novas realidades”

“Transparência, prestação de contas e disponibilização de informação pública são críticas para as autarquias. Temos de conseguir ter um país mais solidário, coeso e cooperante. Onde os poderes públicos, privados e academias trabalhem cada vez mais em conjunto”



Para conseguir ter cidades mais proativas e inteligentes será necessário aproveitar todo o potencial das tecnologias emergentes. Dados, IA, IoT e 5G serão pilares.

numa comunidade, de braços dados, e temos de dar respostas solidárias, porque só essas fazem sentido”.

PREPARAR A RECUPERAÇÃO ACELERADA

O gestor acredita que “estamos a viver uma guerra contra a pandemia”, mas as infraestruturas não foram destruídas e os territórios estão intactos. Pelo que “hoje, estamos todos preparados, como comunidade e como país, privados e setor público, para logo que seja possível abrir de novo a economia e a sociedade, possamos voltar de novo a crescer”. E está convicto de que o crescimento será muito acentuado, embora

ainda se tenha de esperar uns largos meses até que isso aconteça.

Também na Câmara Municipal de Penafiel os desafios da pandemia se sentiram fortemente. Pedro Cepeda, Vereador do Planeamento e Desenvolvimento Económico, outro dos keynote speakers do evento, citando a conhecida cientista Elvira Fortunato, começa por destacar que “cooperação e partilha são a chave para o futuro”. É que ambas são cada vez mais fundamentais, porque “se o mundo já estava em mudança acelerada, principalmente em termos económicos, a pandemia veio acelerar o processo de transformação”.

O autarca divide a pandemia em 3 fases distin-



José Martins

Diretor do Departamento de Inovação e TIC, Câmara Municipal de Oeiras

“Fomos um dos casos em que a Administração Local substituiu a Administração Pública Central, desenvolvendo rapidamente uma estratégia para assegurar o ensino online aos mais de 20 mil alunos da região. Foi um esforço muito grande, mas que deu resultados”

“Desta experiência da primeira fase da pandemia ficámos com uma visão holística sobre a mudança de paradigma no ensino, suportada na tecnologia e numa infraestrutura forte. Dos ensinamentos retirados, o município está a avançar para uma nova abordagem”

“O objetivo é preparar o sistema educativo da região de todas as condições para, no futuro, ter capacidade de resposta imediata a novas situações que voltem a acontecer, com acesso online à Educação”



Tiago Costa

Western Europe Senior Partner, Kaizen Institute

“O método Kaizen olha para os processos para fazer uma mudança para melhor todos os dias, em todas as áreas, com todas as pessoas. Ao olharmos para os processos autárquicos, tem que se fazer uma reengenharia de processos, garantindo que se elimina o desperdício e focando no serviço ao cliente/cidadão/município”

“A nossa experiência em várias autarquias mostra que o teletrabalho é um modelo que veio para ficar. Com um processo organizado, consegue-se ter uma maior flexibilidade dos colaboradores e uma maior rapidez no serviço ao município. A pandemia acelerou os processos de trabalho em cerca de dez ano”

“O atendimento ao município tem que ser adaptado, com respostas e um tratamento eficaz à primeira. Eles estão mais exigentes e habituados a ver os processos desenvolvidos à distância”

tas: a fase inicial, de impacto, quando ninguém estava preparado para o que estava a acontecer, surgindo grandes dificuldades para quem tinha de agir num cenário de grande incerteza; a fase da resiliência, que vivemos hoje, enquanto se aguarda por uma vacina; e a fase de superação, pós-Covid, com o retomar das atividades e do crescimento.

Todas estas fases tiveram ou têm desafios a ser ultrapassados. A fragilidade e falta de capacidade de resposta, com a ausência de meios para responder a situações inesperadas, o isolamento dos mais vulneráveis e o impacto económico no concelho foram os desafios da primeira fase. E a autarquia teve que tomar várias medidas, no âmbito das quais se destacou a cooperação entre setor público e privado e até entre empresas concorrentes, que perceberam que eram interdependentes e que precisaram de se unir.

Já na atual fase da resiliência, a gestão comunicacional e a sensibilização da população, assim como a garantia do bem-estar da sociedade e os impactos das medidas restritivas na economia local têm sido apostas. Criar soluções centradas no digital, como a criação de uma plataforma de marketplace para o comércio poder vender online ou o apoio à digitalização dos comerciantes, foram algumas das medidas já tomadas.

SUPERAR COM LIDERANÇA E INTELIGÊNCIA

Já na próxima fase, de superação, um dos desafios será de liderança e coesão territorial, o que implicará a implementação de estratégias de desenvolvimento local e o combate ao acentuar das assimetrias regionais no desenvolvimento. Como refere Pedro Cepeda, a liderança política

e a implementação de estratégias de desenvolvimento local serão fundamentais para o desenvolvimento económico, sempre considerando que as estratégias de recuperação terão de ser diferentes, porque cada território tem as suas características específicas.

A inteligência urbana é vista como outro desafio e neste âmbito, terá de haver um reforço da tomada de decisão política com base em dados, ciência e factos, de forma a capacitar os decisores para a gestão do dia-a-dia e para apoiar o planeamento do futuro e o desenvolvimento estratégico. Transparência, prestação de contas e disponibilização de informação pública também são críticas. Para o autarca, “a chave para o futuro está na cooperação e na partilha, para se conseguir ter um país mais solidário, coeso e cooperante. Onde os poderes públicos, privados e academias trabalhem cada vez mais em conjunto”.

E como é que uma autarquia conseguiu dar resposta ao desafio da digitalização da Educação? José Martins, diretor do Departamento de Inovação e Tecnologias de informação e Comunicação da Câmara Municipal de Oeiras, explicou a abordagem definida pelo município e como está agora a responder a este novo normal, no contexto da formação das novas gerações naquele concelho.

Com a decisão de confinamento, a autarquia apostou de imediato numa estratégia para assegurar o ensino online aos mais de 20 mil alunos do concelho. Um processo que envolveu a formação intensiva de dois mil professores e o fornecimento de equipamentos e acesso à internet aos alunos com mais dificuldades, de forma a garantir as condições mínimas para manter as aulas à distância.



Joel Silveirinha

Head of Digital Transformation Smart Cities, Country Digital Acceleration Switzerland, Cisco

“Temos realizado parcerias com governos e empresas para o desenvolvimento de novas soluções tecnológicas. Para criar soluções em ecossistema, usando nomeadamente um fundo de investimento que a Cisco disponibiliza para a aceleração nos novos projetos digitais. Já temos uma rede em mais de 35 países”

“Quando surgiu a pandemia, tínhamos muitas iniciativas e soluções para usar ferramentas de videoconferência e foram criados novos serviços, com novos focos. Por exemplo, na Suíça, tem-se apostado em ligar as comunidades mais remotas com as nossas plataformas de videoconferência. Os governos têm de continuar a funcionar, de uma forma segura para todos”

“A grande vantagem de o setor privado trabalhar com o setor público é a facilidade com que podemos trazer especialistas de outros países para criar as melhores experiências e práticas e maximizar o impacto que podemos ter. Acelerando a implementação das estratégias que vão trazer mais resiliência para governos e autarquias”



Paulo Santos

Expertise Executive Lead, Axians

“Quando olhamos para os interlocutores que estão à frente das cidades, de facto têm uma realidade muito complexa e um grau de incerteza crescente. No momento atual, há várias questões que podemos colocar que ainda não têm resposta, pois não sabemos o que vai acontecer. Há muitas perguntas para as quais ainda não temos respostas claras”

“Mas uma coisa é certa: precisamos de mudar de paradigma, apoiados em tecnologias emergentes que ainda não estamos a aproveitar na totalidade. Criando cidades mais proativas, onde os autarcas possam ter a sua capacidade reforçada com um layer de inteligência. A gestão inteligente e proativa das cidades deverá assentar em quatro pilares tecnológicos: dados, IA, IoT e 5G”

“Agregar dados das autarquias, da Administração Pública central, das empresas públicas e privadas e de todas as coisas que compõem uma cidade, numa lógica de colaboração global, é fundamental para gerir melhor e para maximizar as experiências de utilização urbana dos cidadãos”

Tratou-se de “um esforço muito grande, mas que deu resultados”, resultando desta experiência uma “uma visão holística e uma mudança de paradigma no ensino”, suportada na tecnologia. Com os ensinamentos retirados, o município está agora a avançar para uma nova abordagem do ensino, “suportada numa base tecnológica e numa infraestrutura fortes, que são um requisito essencial, até porque as escolas continuam a ter grandes debilidades”. O objetivo é dar ao sistema educativo da região de todas as condições para, no futuro, ter capacidade de resposta imediata a novas situações.

TECNOLOGIA É ESSENCIAL

Mas qual deverá ser a transformação das abordagens das autarquias para responderem aos desafios da pandemia e às novas e urgentes necessidades dos cidadãos? Tiago Costa, Western Europe Senior Partner do Kaizen Institute, defende que, olhando para os processos autárquicos, tem que se fazer uma reengenharia de processos, garantindo que se elimina o desperdício (ou seja, as tarefas que não acrescentam valor) e há um foco no serviço ao cliente/cidadão/município. Nos projetos que tem em curso, o objetivo é conseguir, na ótica do município e utilizador dos serviços autárquicos, uma maior rapidez e qualidade de resposta.

Este responsável deixa ainda claro que, também ao nível autárquico, o teletrabalho é um modelo que veio para ficar, depois da pandemia ter acelerado os processos de trabalho em cerca de dez anos. E tem todas as vantagens, tanto do lado do município, que tem respostas mais célebres, como do lado do colaborador autárquico, quer obtém maior otimização de processos. E ainda

da autarquia, já que com o trabalho remoto se libertam espaços para outros fins.

Joel Silveirinha, head of Digital Transformation Smart Cities e Country Digital Acceleration da Cisco Switzerland, conhece bem a forma como os governos nacionais e locais se tiveram de ajustar aos condicionalismos da pandemia. O grupo que integra tem apostado na ajuda ao setor público ena realização de parcerias para criar valor em ecossistema, nomeadamente através do programa Country Digital Acceleration, que já criou uma rede de 35 países, incluindo Portugal, para desenvolver soluções tecnológicas e projetos digitais.

A plataforma Cisco WebEx, por exemplo, está a ser utilizada e reajustada para responder às necessidades do setor público nestes tempos de emergência. Na Suíça, é usada para ligar as comunidades mais remotas ou para permitir a autarcas e políticos continuarem a criar, rever e aprovar propostas de lei de forma virtual.

“De facto, o maior acelerador do digital foi a Covid-19”, destaca. E a “grande vantagem do setor privado trabalhar com o setor público neste tipo de programas é a facilidade com que podemos trazer especialistas de outros países para criar as melhores experiências e práticas e maximizar o impacto que podemos ter em todos os países. Acelerando a implementação destas estratégias, que vão trazer mais resiliência para o governos e autarquias”.

Mas como é que a adoção de tecnologia pode ajudar as cidades na resposta a estes desafios e quais são as tendências tecnológicas que estão a surgir? Paulo Santos, Expertise Executive Lead da Axians, começa por destacar que “os interlocutores que estão à frente das cidades têm, de

facto, uma realidade muito complexa e um grau de incerteza crescente”. É que se ainda há muitas questões sem resposta, porque não se sabe o que vai acontecer, há que saber desde já planear o futuro.

MUDAR DE PARADIGMA

Por isso, defende que é necessário mudar de paradigma, aproveitando todo o potencial das tecnologias emergentes, para ter “cidades mais proativas e inteligentes”. A gestão das cidades terá de assentar em quatro pilares tecnológicos: dados, inteligência artificial (IA), IoT e 5G. Com a nova geração móvel, prevista para 2021, haverá uma largura de banda e uma velocidade muito superiores às atuais, o que potenciará a sensorização de tudo nas cidades, gerando “uma quantidade descomunal de dados, que vão ser uma fonte essencial para quem tem de gerir um centro urbano”.

Na sua ótica, os dados serão “um pilar fundamental para a gestão inteligente das cidades”, mas há que saber aproveitar todo o seu potencial através das tecnologias que estão a surgir. “Agregação de dados das autarquias, da AP central, das empresas públicas e privadas e de todas as coisas que compõem a cidade, numa lógica de colaboração global, é fundamental para gerir melhor as cidades e para maximizar as experiências de utilização urbana dos cidadãos”, acrescenta.

A ampliação da gestão das cidades, através da tecnologia, terá que ser feita em duas vertentes: a gestão do dia a dia, apostando-se numa lógica de automação, pondo a IA ao serviço da autarquia para automatizar tudo o que é possível; e a adoção de uma lógica preditiva, para permi-

tir detetar o mais cedo possível algumas frentes urbanas e auxiliar os autarcas no processo estratégico de planeamento da cidade e dos serviços. Um dos temas do período de debate foi a utilização da IA e até que ponto poderá terminar numa espécie de ‘big brother’ ao nível autárquico. Trata-se, para Paulo Santos, de uma fronteira muito complicada, com a qual é preciso ter cuidado. Mas salienta que terá que se ter sempre em conta a ética do que se faz no âmbito da IA, com transparência para com o cidadão.

A regulamentação será também essencial para evitar “qualquer tipo de desvio”, acrescenta Joel Silveirinha. Uma posição reiterada por Miguel Pinto Luz, que refere que este tema tem vindo a ser trabalhado em Cascais, até porque a tecnologia também tem respostas para isto. O que se tem vindo a desenhar na autarquia, com parceiros, assenta no princípio do *privacy by design*: todas as plataformas tecnológicas usadas permitem que o utilizador, de forma autónoma e voluntária, decida que quer tornar-se invisível ou não. Isso coloca o poder absoluto do cidadão, que é a visão da Europa. Afinal, os dados pertencem aos cidadãos e têm o poder de o decidir. •

>>>> **Aceda**
>> **ao vídeo**
> **do Evento**

<https://youtu.be/joMvrGLKeSk>



Patrocinador Institucional



Patrocinadores Silver



Patrocinadores Bronze

AXIANS CISCO DELOITTE DXC TECHNOLOGY EY
GOOGLE HP HPE IBM INETUM MICROSOFT
MINSAIT NOVABASE SAP SAS

Parceiros

NOSSA VdA VIATECLA